

Letrário**editora*

O Alfaiate do Rei

Carlos M. J. Alves

Junho 2008



Consta que dos anais das novelas de corte e costura, tão sangrentas como as de cavalaria, sobressai a gesta de Messias, Linhares e Matilde. A quadrilha partilhava, em mil novecentos e oito, morada na Rua das Amoreiras. No entanto, por rivalidades oficinais, uma linha imaginária traçava uma divisória invisível e tácita acordada entre Messias e Linhares, respeitando uma espécie de concordância de Tordesilhas modistas em que o norte pertencia a Linhares e o sul da Rua das Amoreiras era de Messias.

Na sua metade da rua, Messias operava numa sala de lajedo encerado. Esta refulgia amaciada pela luz copiosa que a iluminava e nela uma mesa corrida ameaçava-lhe a largueza. Do seu tampo transbordavam atilhos de linhas preenchendo por inteiro o quesito das cores da clientela. Estavam dispostas em cartel, sobranceiras a régua acumulando quilómetros, alguns tecidos marcados, outros firmando esquadrias ou cortados e encaracolados em cilindro, e tesouras e outros objectos de alfaiataria de indispensabilidade ratificada.

Cultor da *belle époque*, Messias oferecia aos seus clientes experiência jubilada, modelos selectos de *tailleur* francês e rigor na comensuração. Estreitava e enformava ombros obviando necessidades, escondia barrigas e dissimulava estorvos anatómicos.

Por questões de elegância sabia ser vitoriano quando convém sê-lo, conquistando com justos espartilhos a silhueta em "S" de busto em ramallete para a frente e quadris para trás.

Seguia o conforto e luxo dos panos leves e, de França, a sofisticação parisiense de Paul Poiret, deslocando a cintura para baixo dos seios, desafogando a rigidez da silhueta formal, desobstruindo-a.

Os seus modelos tinham cores pastéis, leves e suaves – o rosa pálido, o azul claro, o malva – e o preto recoberto de lantejoulas com que potenciava o brilho. Acentuavam a fragilidade feminina e o *bon ton*.

Goza, também, da fama de el rei preferir os seus trajes civis quando não enverga a farda de generalíssimo. Só os seus charutos Aquilas lhe merecem maior fidelidade do que o corte dedicado e firme de Messias. Apesar do crédito, desconfia-se do proveito, uma vez que nunca se lhe viu landau real acercar da oficina, descarregando sua alteza directamente para a alfaiataria, ou levando-o dela carregado de embrulhos.

Como todo o artista, Messias precisa de musa e anda perdido de amores por Matilde, jovem costureirinha, dengosa e insinuante de fresca têmpera, franzino corte carnal, apartada pelo nascimento das curvas que lhe evitariam ser pau de virar tripas.

Messias apazigua as suas ânsias enviando a Matilde cartas em papel cuidadosamente escolhido e subscrito lacrado, onde anonimamente a informa sobre o seu amor por si.

Minha doce costureirinha, cada instante que passa torna mais difícil viver sem ti. Sonho com o dia em que serás minha. Brevemente ele chegará.

E termina sem assinar.

Sem o saber, o amor de Messias por Matilde não desperta a reciprocidade por si desejada. Matilde ama Linhares, seu arqui-rival de ofício, com quem divide rua e clientes, e não a si.

Linhares é brejeiro, tem pêlo de arquipélago empapado em unto, nome conforme a profissão de alfaiate – Linhares – e estirpe galã. Matilde sabe-o de natureza maltrapilha e pouco consentânea com respeitabilidade, mas ainda assim deseja-o ardentemente.

As cartas de Messias vão sendo cada vez mais numerosas e certo dia, não conseguindo conter o seu enamoramento, envia um derradeiro bilhete com o qual segue emparelhado o vestido que fez com as próprias mãos para o matrimónio de ambos.

Chegou o dia de seres minha. Junto com este bilhete segue o vestido que preparei para te esposar. Só preciso de que digas uma palavra e ficaremos para sempre juntos: sim.

Como das outras vezes, termina sem assinar.

Incapaz de arrancar “ai” ao mensageiro, Matilde há muito curiosa sobre a identidade do pretendente, ao receber a encomenda enfarpelada, julgando tratar-se de Linhares, corre cega para ele. Não sem antes colocar o vestido, dando graças pelo feliz precipitar dos acontecimentos. Caprichosamente, o destino faz com que se cruzem frente à alfaiataria de Messias. Linhares vendo-a ali, na sua presença vestida de noiva, de braços abertos escancarados para si, embasbacou. Era novidade reparar em Matilde, mas ainda assim emperrou-lhe a marcha, não resistindo à sua cintura fina e ao seu cabelo brilhante preso no alto da cabeça. Ali, naquela circunstância única, enamorou-se perdidamente. Messias, naquele preciso momento em movimento rápido de torção, roda a maçaneta da sua porta, preparando-se para sair para ir ao encontro de Matilde. Mal sai da soleira da entrada

enfrenta Matilde nos braços de Linhares, que como a ocasião faz o ladrão a acabara de roubar a si. Um baque põe de sobreaviso o seu desalento, percebendo, antes da sua cabeça, o que se passava.

Tomando a atitude de Matilde como um “não”, embora toda a gente o perceba, sempre é preferível o “sim” e Messias volta atrás irado. Carrancudo e com o rosto roxo de raiva, larga aos piparotes da alfaiataria, de tesoura aguçada em riste, com a luz da sala inundando-lhe o semblante carregado como um espectro. Avança tresloucado, empenhado em cravar em Linhares lenho com profundidade mortal. Matilde sai-lhe ao caminho e Linhares, suspeitando das intenções terríficas de Messias, antecipa-as e, como no melhor pano cai a nódoa, foge de rabo entre as pernas. Ora, como o amor é cego, isto não importou a Matilde que continuou disponível para núpcias.

Messias, sentindo-se desfeitoado, corre atrás do tratante e desafia Linhares para um duelo, mas o outro, sabendo com que linhas se cose a vingança da honra ultrajada, foge novamente. Por esta razão, nem ao apuramento dos padrinhos dos contendores se chegou.

Desviando de si as atenções, Linhares faz, traiçoeiramente, correr o boato de que Messias, longe de ter a preferência de el rei, se tomou de préstimo para guarnecer o Buiça, carrasco que lhe tirou a vida com fato feito por medida. O seu paramento exemplarmente prontificado por Messias fez-lhe sobressair o rosto fino, a tez alva e a barba preta compensando-lhe a estatura meã. Buiça agradado com o resultado final usou-o no dia do júízo final de D. Carlos I, no qual pernitoou a sua certa *Winchester*.

Não faltaram vozes que logo fizeram de Messias assíduo judas frequentador do Café Gelo, no Rossio de Lisboa, ponto de encontro habitual de certa farândola de revolucionários e conspiradores, onde bebia com eles o seu cálice de conhaque. Facilmente provaram que foi das suas mãos que saiu o longo varino onde Buiça escondeu a sua carabina, que vitimara el rei, ligando-o à maior sociedade secreta insurrecta existente em Portugal – a Carbonária –, espécie de braço armado da antiga Maçonaria secular.

Apesar de o varino estar na moda, Messias contra-argumentou, dizendo que a sua arte não se coadunava com capotes, ou capas abotoadas, cobrindo o corpo até aos pés, concedendo a sua preferência à sobrecasaca e ao fraque. De pouco lhe serviu. Mesmo quando desesperado fez alusão à preferência do rei pelo seu trabalho, esperando que isso o ilibasse, ninguém o escutou e o descrédito generalizou-se.

Implicado no regicídio, perseguido por monárquicos e ridicularizado por republicanos, Messias, vítima de um infortúnio provocado por si, pagando pelo seu engenho, mesmo sendo alfaiate do rei, vendeu a alfaiataria. Nunca recuperou do desaire amoroso e, amargurado, deixou para trás Linhares esconjurado e casado com Matilde, cedendo-lhe a sua metade da rua e clientela. Malogradamente percebera: “Veste-te mal e reparam no vestido. Veste-te bem e reparam na mulher”¹. E, por isso, seguramente nunca se perdoou, especialmente porque no seu caso fora ele que oferecera o vestido que o fizera perder a sua amada, o qual nunca reouve.

Fim

¹ Coco Chanel

VERBETE BIOGRÁFICO

Carlos M. J. Alves (n. 1971) é licenciado em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa. Foi músico e fez estudos em fotografia no CENJOR. Manteve algumas participações na imprensa e tem vindo a participar nalguns projectos literários na Internet. A última década foi dedicada ao ensino.

PARTICIPAÇÕES

- Storm-Magazine [<http://www.storm-magazine.com/novodb/index.htm>] – O lugar da cultura
- Rua de Baixo [<http://www.ruadebaixo.com/>] – Zine mensal dedicada à cultura
- Prosa Solta – Blog literário referenciado no livro *Blogs* de Paulo Querido e Luís Ene sobre *weblogs*
- Minguante [<http://minguante.com/?num=4>] – Revista de Micronarrativas

[Brevemente será encetada uma colaboração com a revista *Bíblia*]

PRÉMIOS

Menção honrosa no II Prémio Rodrigues Cordeiro / IMOBILIS, organizado pela CARTES, Associação de Autores das Cortes, em parceria com a Casa-Museu Centro Cultural João Soares.

Menção honrosa no prémio de literatura Parque das Nações / Casino Lisboa 2008.

E-mail: carlosmj Alves@hotmail.com

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt